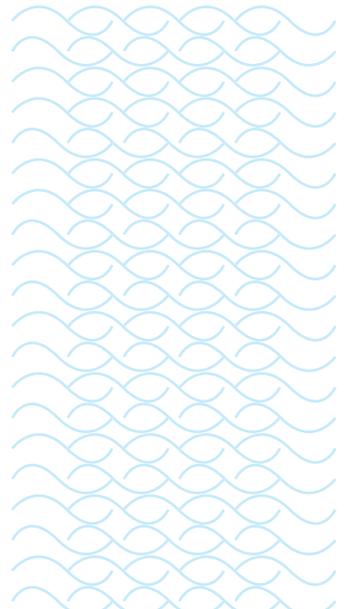
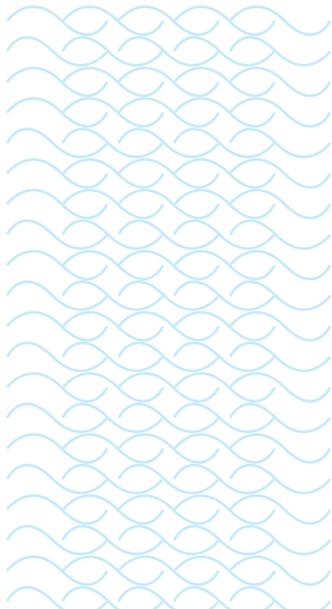


TESE



A crítica adorniana ao capitalismo em sua época dourada

Autor: Amaro de Oliveira Fleck

Orientador: Alessandro Pinzani

Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina, 2015

Carlos Eduardo Souza Aguiar*

Inquestionavelmente, Theodor W. Adorno é um dos mais célebres pensadores do século XX e um intérprete incontornável da modernidade ocidental, capitalista e tecnicista. A envergadura da sua obra transcende as barreiras disciplinares, sendo referência obrigatória não só na Filosofia, mas também na Sociologia, nas ciências da Comunicação etc. Escolher a obra de Adorno como objeto de estudo de uma tese de doutorado significa assumir riscos eminentes, pois trata-se de um autor consagrado e objeto de diferentes estudos, o que dificulta o alcance da tão almejada inovação da pesquisa. No entanto, a tese em Filosofia de Amaro de Oliveira Fleck, defendida em 2015 na Universidade Federal de Santa Catarina, buscou fugir das interpretações dominantes e lançar o olhar sobre pontos poucos explorados da teoria adorniana, elegendo-os como objeto de análise.

Neste trabalho de fôlego, o foco de Amaro Fleck é a chamada teoria crítica tardia de Adorno, na qual se destacam diversos elementos que o autor da tese mobiliza para a adequada compreensão dessa fase do pensamento adorniano. Ao longo de seis capítulos e 202 páginas, o autor busca traçar as características da teoria crítica tardia de Adorno, delimitando sua dimensão política, seu público-alvo, o objeto da crítica, as críticas ao capitalismo, à racionalidade predominante na modernidade, à dominação da natureza e à vida danificada, e, finalmente, o projeto de emancipação e sua justificação normativa.

A tese de fundo defendida pelo autor é que não existe em Adorno uma ruptura radical em relação às suas primeiras abordagens teóricas, isto é, não há um deslocamento do seu objeto da crítica. Trata-se de uma interpretação inovadora, pois vai de encontro à interpretação corrente e dominante segundo a qual o objeto da crítica adorniana deslocou-se da economia política para a razão instrumental e a dominação da natureza. Amaro Fleck percebe essa dinâmica não como uma descontinuidade, mas como uma complexificação da obra adorniana, que permanece na chave crítica ao capitalismo, sem reduzir tal crítica à análise

* Doutor em Sociologia pela *Université Sorbonne Paris Cité* (bolsista Capes de Doutorado Pleno no Exterior), mestre em Ciências da Comunicação pela USP (bolsista Fapesp), especialista em Ciências da Religião pela PUC-SP e graduado em Filosofia pela FFLCH-USP e em Comunicação Social pela ECA-USP. É professor dos cursos de comunicação social e filosofia da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom) e autor do livro *Sacralidade Digital: religiões e religiosidades na época das redes*, Annablume/Fapesp, 2014.

dos obstáculos impeditivos da emancipação. Para provar essa continuidade, além de expor a dialética negativa como procedimento crítico, o autor da tese questiona o diagnóstico da época e as tendências sociais analisadas por Adorno a fim de estabelecer um diálogo crítico entre a época na qual Adorno desenvolveu suas teses e a época contemporânea, isto é, “ver o que a obra adorniana tem a dizer sobre o presente, mas também o que o presente tem a responder a ela” (FLECK, 2015, p. 18).

O primeiro capítulo aborda o posicionamento político de Adorno, rejeitando a ideia que sua constatação do bloqueio da emancipação, provocada pelo capitalismo, não decorreria da escolha pela resignação, e argumentando, antes, que a estratégia adorniana é reformista, isto é, luta por melhorias, mesmo que pequenas, sem atenuar a radicalidade da crítica. Como lembra o autor a propósito do projeto filosófico de Adorno:

Muito embora ele sustente um diagnóstico bastante sombrio acerca da sociedade em que viveu, um diagnóstico que diz não só que tal mundo não é livre, mas que mesmo a liberdade não está no horizonte das possibilidades de um futuro não tão distante, ele defende uma postura teórica crítica que mantém viva a lembrança de que o atual estado do mundo é fruto da própria cegueira dos homens e que tal estado, do mundo e da cegueira, pode ser superado. (FLECK, 2015, p. 50).

O segundo capítulo, “Remetentes e destinatários”, aborda uma questão mais datada no pensamento de Adorno e que se refere à própria possibilidade da crítica, isto é, o questionamento adorniano acerca de quem seria capaz de realizar a crítica na situação moderna de completa dominação, no caso os indivíduos não totalmente moldados pela sociedade, e de quem seria o destinatário dessas críticas. Trata-se de um capítulo fundamental da tese de Fleck, pois desmistifica a leitura caricatural da Escola de Frankfurt que teria como missão fornecer e impor aos sujeitos alienados o caminho de libertação.

No terceiro capítulo, “Crítica do capitalismo ou crítica da racionalidade prevalecente?”, o autor da tese adentra no objeto da própria crítica que, segunda a interpretação dominante, percebeu um considerável deslocamento, do capitalismo para a razão instrumental e o domínio da natureza. O autor demonstra a falácia dessa interpretação, pois esta deveria ser sustentada nos argumentos de Pollock sobre o capitalismo estatal que, incontestavelmente, são rejeitados por Adorno, o que torna a teoria adorniana mais sedutora na contemporaneidade.

O quarto capítulo, “As muitas críticas”, é o momento da tese no qual o autor analisa a racionalidade moderna, o domínio e controle da natureza e os prejuízos que acometem os indivíduos modernos, isto é, as diferentes críticas à modernidade presentes na obra tardia de Adorno. É abordando essas temáticas que o autor defende a tese de que em vez de falarmos em deslocamento da crítica é mais adequado falarmos em complementação, afinal, a crítica ao capitalismo, embora continue necessária, exige uma complexificação.

Já no quinto capítulo, “Da negação à utopia?”, Fleck busca mostrar que Adorno não é um filósofo que oferece uma visão utópica da sociedade liberta, afinal, tal sociedade emerge da própria negação da sociedade existente. Desse modo, cabe à crítica buscar as possibili-

dades existentes na realidade social; possibilidades que seriam capazes de reverter a desordem. Nessa sociedade emancipada, não só capitalismo seria superado e a ordem social seria mais orientada para o lucro, mas emergiriam uma nova forma de racionalidade e uma nova forma de lidar com a natureza. Trata-se de uma sociedade não construída pelo filósofo, mas surgida pela própria compreensão do existente. Assim, como nos indica o autor da tese, “a obra adorniana pode servir como inspiração para ir além do dilema paralisante que opõe as demandas de redistribuição às de reconhecimento e que enfraquece ainda mais a crítica num momento em que ela está praticamente ausente” (FLECK, 2015, p. 142).

No último capítulo da tese, “Crítica da ideologia ou crítica do sofrimento?”, o autor traz à baila a categoria do sofrimento presente na crítica imanente de Adorno. É o sofrimento desnecessário o índice que incita a crítica, o elemento que nos possibilita não saber o que seria uma boa sociedade, mas sabermos o que é uma má.

Toda essa apresentação da crítica tardia de Adorno é finalizada na conclusão apresentando o procedimento dialético negativo. Essa conclusão é seguida de um epílogo no qual Fleck se arrisca a promover um diálogo entre a obra de Adorno, a época na qual ele viveu e a contemporaneidade, um esboço, como afirma o autor, de uma crítica do presente, levando em conta as profundas transformações civilizacionais dos últimos 50 anos, os novos elementos da nossa sociedade que Adorno não conheceu, como o Rivotril e o Facebook, um mundo em que é mais fácil, citando F. Jameson, imaginar o seu fim que o próprio término do capitalismo. Mesmo assim, “A mudança climática legará um mundo pior, mas uma transformação social radical pode criar a chance de se viver melhor neste ambiente piorado” (FLECK, 2015, p. 189).

A pesquisa de Amaro Fleck, que recebeu a premiação da Capes como a melhor tese de 2016 na área de Filosofia, apresenta como mérito uma rigorosa pesquisa de história da Filosofia, iluminando aspectos fundamentais da obra de um dos grandes filósofos do século XX e desconstruindo interpretações consolidadas que nos impedem de empreender uma efetiva apreciação do projeto filosófico de Adorno. Além disso, o autor não se furta de buscar a fertilidade do pensamento adorniano e da teoria crítica no interior do mundo contemporâneo, lançando o olhar filosófico em direção a aspectos fundamentais e decisivos da atualidade, como a temática do aquecimento global e do colapso ecológico-econômico que ameaçam o capitalismo, mas que não significam, propriamente, uma possibilidade de emancipação.

Referências bibliográficas

FLECK, Amaro de Oliveira. *Theodor W. Adorno: um crítico na era dourada do capitalismo*. 202f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2015.